

ENSINANDO HISTÓRIA PELO OLHAR DA DIVERSIDADE ÉTICORRACIAL: LEITURAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Patrícia Cristina de Aragão Araújo¹

Jean Mac Cole Tavares Santos²

Resumo

Este texto analisa a temática afro-brasileira na escola a partir de reflexões em torno da formação continuada e do ensino de História. Nosso objetivo é, portanto, investigar a importância da inclusão do ensino desta disciplina nas discussões em torno da cultura afro-brasileira a partir da diversidade étnico-cultural existente na escola. Trata-se de uma pesquisa em desenvolvimento e aqui apresentamos as primeiras impressões de estudo, apoiando-nos no referencial teórico dos trabalhos de Certeau, Cavallero, Lino Gomes, Freire e Cunha Júnior. Como abordagem metodológica, buscamos na etnometodologia, a partir do paradigma indiciário, à luz de Coulon e Guinzburg, perscrutando os indícios e vestígios que os textos nos apresentam. Os resultados preliminares apontam que a discussão da diversidade e sua dimensionalidade no contexto da escola, sobretudo no campo do ensino de História, podem ser ampliadas a partir da participação e ação pedagógica do/a professor/a contribuindo deste modo para o diálogo entre as diferenças e a minimização da exclusão e uma maior articulação dos saberes da cultura negra.

Palavras-chave: Formação Continuada; Diversidade Étnico-Cultural; Inclusão; Ensino de História

¹ Doutora em Educação (UFPB - 2007). Professora Titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Endereço: Rua José do Patrocínio 348 Bairro São José Campina Grande – Paraíba, Brasil. Cep. 58400370. Telefone: (83) 88760843 - (83) 99431384. E-mail: patriciaa@yahoo.com.br

² Doutor em Educação (UFPB - 2007). Professor Adjunto III da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Endereço: Rua Amaro Duarte, 411, apto 303, Bloco B Mossoró, RN, Brasil. Cep. 59612-060. Telefone (84) 99052324. E-mail: macolle@hotmail.com

1 PALAVRAS INICIAIS

O panorama do espaço educacional no âmbito da sociedade contemporânea requer reflexões sobre as diferenças entre pessoas e seus lugares de pertencimento como atributo significativo para pensar sobre a diversidade étnico-cultural a partir das tessituras educacionais. Deste modo, diante de um mundo tão complexo, nos aspectos culturais e religiosos, surge um verdadeiro caleidoscópio social que nos conduz a pensar numa cultura de paz, numa relação necessária entre as diferenças. Diante deste cenário, torna-se essencial compreender a diversidade dos sujeitos humanos, considerando-se os aspectos culturais e etnicorraciais.

Se o que se pretende é construir diálogos entre diferenças, entre as múltiplas culturas e sociedades que constituem o planeta que habitamos, precisamos ter em vista o respeito ao outro, as suas identidades de gênero, sexo, a sua diversidade racial e étnica, como importantes veículos para que ocorra uma cultura de paz e a promoção da igualdade racial, na perspectiva de uma inclusão dos múltiplos sujeitos sociais.

Diante do fato de que convivemos sob a égide de uma sociedade que ainda reafirma a exclusão, pensar no compartilhar, na integração/interação significa criar mecanismos geradores de uma sociedade que exercita o diálogo entre saberes e culturas. Neste sentido, refletir sobre a questão etnicorracial, na perspectiva de pessoas negras, no espaço educacional é fundamental para compreendermos sobre como, na escola e na formação continuada de professor/a, este segmento étnico é representado, tendo em vista o seu lugar social e a historicidade de sua cultura, muitas vezes não visualizados no ambiente escolar.

Tendo em vista este aspecto, falar sobre a condição social dos/as negros/as na escola, a partir das lentes da formação continuada do docente, nos leva a refletir acerca do papel social do/a professor/a e como sua prática educativa vai implicar nas maneiras como as pessoas negras passam a ser tratadas e representadas em contextos educativos escolares.

Neste sentido, a escola como lugar de produção de conhecimento, espaço sócio-cultural de relação entre sujeitos de diferentes culturas, é também um nicho de relações de poder, cuja dinâmica permite que esta instituição social possa ser visualizada sob vários aspectos. Entre estes, destacamos a sua possibilidade enquanto lugar social de encontro de culturas, mas que também

pode ser vista por apresentar no seu cerne um modelo homogeneizante dos sujeitos dela participante. Conforme elucida Capelo (2003)

O cotidiano das escolas caracteriza-se por uma complexa rede de relações sociais entre os envolvidos que incluem alianças, transgressões, conflitos, lealdades, práticas e saberes que dão vida às escolas. [...] Mas, as escolas parecem estar restritas à dimensão institucional, isto é, ao espaço de socialização que homogeneiza e limita as ações dos sujeitos porque ficam condicionados a regras, normas, conteúdos e comportamentos previamente definidos como desejáveis (CAPELO, 2003, p.116)

O que se percebe quando se observa o cotidiano escolar é que mesmo sendo um ambiente marcado pela diversidade cultural e identitária, uma vez que cada sujeito dela participante representa uma etnia e possui uma história sócio-cultural diferenciada, pouco se atentou para este aspecto enquanto significativo para o aprendizado em comum, num sentido de criar redes de saberes e conhecimentos, tendo em face às culturas híbridas (CANCLINI, 1989) que a escola apresenta.

Daí se faz mister perceber a diversidade existente na composição do espaço escolar, enquanto algo enriquecedor para o aprendizado de todos/as membros da comunidade aprendente, tendo em vista uma perspectiva educacional que motive e prime pela inclusão de todos e todas dela constituintes. Isto porque algumas práticas escolares ainda são excludentes e não tendem a fecundar o diálogo entre o diverso, possibilitando assim um aprendizado mútuo.

Deste modo, ao pensarmos a escola e suas múltiplas faces, devemos levar em consideração os sujeitos educativos que fazem parte de sua composição e entre estes outros, considerados diferentes, por sua origem étnica, social e cultural, com seus marcadores identitários diferenciados, que fazem parte do mesmo contexto.

Muitas vezes tais sujeitos não são visibilizados no espaço da escolar, pois não se reconhece a dimensionalidade que perpassa suas culturas e seus modos de ser. Se o ambiente escolar consiste também numa representação do mundo social, com suas complexidades e diversidades, no seu contexto pode ser possível ensejar um diálogo entre os membros da sua comunidade, pois este é um espaço plural de produção de conhecimento, que precisa valorizar no seu bojo os saberes e os modos de ser daqueles e daquelas que a constituem.

Esse diálogo, perfeitamente possível, nos permitirá dar visibilidade às diferentes referências de identidade construídas pelos sujeitos negros, brancos e de outros segmentos étnicos no cotidiano escolar, e nos ajudará na compreensão do papel preponderante que a cultura produzida por esses grupos assume na escola. Nesse sentido, é necessária uma maior atenção sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores diante dessa diversidade e um posicionamento da escola ante a superação do racismo e da discriminação racial e de gênero (LINO GOMES, 2006, p.87).

Neste sentido, apresentamos como proposta de estudo pensar essa diversidade a partir do mundo de educar, tendo em vista que a educação consiste no meio pela qual se pode promover o respeito pela diferença. Trabalhando numa perspectiva que avança a possibilidade da convivência com a diferença, na inclusão dos sujeitos sociais, a tônica que se almeja neste texto nos parece justificável e relevante.

Pensar a partir deste prisma, é pensar numa educação inclusiva, que valorize os direitos humanos, mesmo diante da intolerância que povoa as relações sociais. Deste modo, diante dos conflitos e tensões, que geram violência crescente em patamares nunca antes imaginados, acreditamos ainda ser possível o diálogo, como uma pedra de toque das relações humanas (FREIRE, 2002).

No contexto da Educação, o trabalho docente na criação de processos educativos que visibilizem a diversidade e tenham em vista a minimização da exclusão é essencial, pois a experiência do diálogo interracial e étnico abre janelas de possibilidades do reconhecimento do outro em sua alteridade.

Nesta vereda, a educação age como elemento balizador, através de bússolas que conduzam o encaminhamento de vivências participativas e de modos de aprender a conhecer o outro com suas limitações e vicissitudes. Contudo, este processo precisa reconhecer as singularidades humanas e, a partir delas, valorizar diferentes modos de ser e estar no mundo. Esta valorização do outro é uma passagem que se vislumbra para dialogar com as diferenças (FREIRE, 2002).

Adotando a articulação entre a educação e a diversidade como categorias de análise, o nosso objetivo, neste texto, é discutir a formação continuada dos professores/as em relação à questão da diversidade no contexto escolar, pautando o olhar sobre o ensino de História. Particularmente, as discussões que circundam em torno dos estudos da História da África e da cultura afro-brasileira, que foram implementados a partir da lei 11.645, anteriormente

10.639/2003, promulgada em março de 2008, na educação básica. Esta lei, 11.645/2008, reitera a necessidade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nos conteúdos pedagógicos e no campo do ensino de História. Seu objetivo é articular as várias possibilidades quando, sobretudo, se pensa a relação entre este campo de saber e a formação continuada de professores.

A partir destes pressupostos, organizamos esta argumentação apresentando duas proposições básicas: inicialmente, a discussão em torno do trabalho docente na formação continuada, articulando esta reflexão com a diversidade existente no cotidiano da sala de aula e da escola; e, posteriormente, a implementação da História da África e da cultura afro-brasileira na grade curricular, cujo objetivo é propiciar aos alunos/alunas da educação básica, a partir de componentes curriculares como História, Literatura e Artes, o reconhecimento e a importância da cultura africana e afro-brasileira no contexto da sociedade brasileira.

Em tempos de convivência com o preconceito, discriminação e racismo, acreditamos que se pode promover a inclusão de sujeitos sociais negros e negras na educação básica, pensando tal problemática a partir do campo da História. Uma experiência pedagógica transformadora, que conscientize os sujeitos aprendentes, pode permitir o diálogo, necessário ao cotidiano escolar, situações de ensino-aprendizagem significativas (CERTEAU, 1994).

Observamos que professores/as enfrentam múltiplas realidades na escola, muitas vezes díspares de sua perspectiva da formação inicial. Contudo, isto requer pensar de que modo o seu cotidiano da sala de aula pode ser um canal possibilitador de ações e meios nesta direção.

Através das discussões tecidas, o respeito à diversidade pode ser construído modificando a realidade escolar e fora dela; aprendendo a lidar com os desafios e dilemas que esta situação é capaz de gerar.

Diante destes aspectos, colocamos o seguinte questionamento: de que modo o/a professor/a em sua prática educativa pode contribuir para a promoção do diálogo entre as diferenças e identidades, visibilizando a diversidade etnicorracial existente na sala de aula, a partir da disciplina de História? Como, em sua formação continuada no cotidiano da escola, o docente pode vivenciar a diversidade etnicorracial criando meios e possibilidades de interação/integração dos sujeitos que compõem a comunidade aprendente?

Para empreender esta reflexão destacamos os estudos desenvolvidos por Cunha Júnior (2003), Lino Gomes (2006), Certeau (1994) e Freire (2002), por considerá-los significativos para as discussões tecidas nesta pesquisa.

Escolhemos a etnometodologia, com base no pensamento de Coulon (1995) a partir do método indiciário numa perspectiva centrada em Guinzburg (1989), por entender que as discussões sobre etnia e cultura negra na escola, expostas na literatura a respeito, fornecem pistas e indícios que clarificam as discussões empreendidas em nossa proposta (COULON, 1995; GUINZBURG, 1989).

E são as pistas, os sinais, os indícios, que nos fazem enveredar nesta realidade e compreender o trabalho docente em sua formação continuada e a questão relativa à diversidade. Conforme já expomos, a contextura do mundo atual realça a desigualdade, mas também abre um leque de possibilidades para a convivência e a igualdade em condições de diferença (GOMES e SILVA, 2006).

2 O FAZER DOCENTE NA ESCOLA

A atividade docente no contexto da escola é um contínuo aprender. Se na formação inicial, o futuro docente tem experiências teórico-práticas que o motivam à escolha do exercício de ensinar, é, pois, no cotidiano da sala de aula, onde seu aprendizado do mundo de educar e suas complexidades se elatem e são tecidas, pois são nas suas relações no dia-a-dia do seu fazer educativo, que professores/as vivenciam novas experiências que lhes possibilitam entender o seu papel social e importância no âmbito do espaço da escola.

No que se refere à prática educativa, o/a professor/a se depara com um público muito diverso, e deverá ter sensibilidade para trabalhar com esta diversidade, de modo a permitir e compreender que assim como o mundo social apresenta um verdadeiro caleidoscópio de diferenças sociais, culturais, étnicas e identitárias, a escola é, pois, uma instituição que no seu espaço também comporta estas nuances..

Deste modo, cabe ao/a professor/a saber articular todos estes aspectos e em sua ação pedagógica trabalhar com esta diversidade de modo a permitir no contexto da sala de aula que

sujeitos e saberes diferenciados possam interagir e dialogar entre si, e este diálogo e entrelaçamento de saberes, no nosso modo de ver, inicia a partir do/da próprio/a professor/a, quando este se despe de preconceitos e estereótipo em relação aos seus alunos e alunas.

Visto por estas lentes, acreditamos, pois, que uma educação inclusiva, tem início a partir da própria ação docente. São as atitudes de professores/as em relação aos sujeitos da aprendizagem, seus alunos/as, que serão o elo que conduzirá ao diálogo entre as diferenças na sala de aula.

Ao aprender com cada nova experiência vivida em sala de aula e acionando ações que contribuam para um trabalho colaborativo entre seus discentes, o/a professor/a estará fazendo com que estes percebam suas diferenças de maneira positiva, pois ao compreender que seus alunos e alunas apresentam visões de mundo, estilos, ritmos de aprendizagem, modos de ser, identidades e saberes diferenciados entre si e também dos seus, o/a professor em sua operação educativa, vai marcando maneiras de ser próprios de seu modo de entender e fazer sua prática pedagógica e seu papel na contextura social.

Ao atentar para a diversidade étnico-cultural de sua sala de aula, como uma riqueza própria do mundo vivido, o docente neste aprendizado pode suscitar o diálogo no ambiente da sala de aula.

Deste modo, se no processo de ensino-aprendizagem ao invés do docente apresentar atitudes discriminatórias com relação a alguns de seus alunos/as, este não poderá considerar as dimensões e possibilidades dos sujeitos da aprendizagem e continuará reproduzindo práticas homogeneizadoras na sala de aula e que historicamente foram se constituindo na escola.

3 A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA: PENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA

Discutir a diversidade etnicorracial na educação é fundamental, sobretudo quando nos remetemos ao contexto da formação docente. Tanto na formação inicial como na continuada faz-se necessário tecer reflexões acerca desta problemática:

ENSINANDO HISTÓRIA PELO OLHAR DA DIVERSIDADE ETICORRACIAL: LEITURAS DA FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES

A diversidade étnico-cultural nos mostra que os sujeitos sociais, sendo históricos, são, também, culturais. Essa constatação indica que é necessário repensar a nossa escola e os processos de formação docente, rompendo com as práticas seletivas, fragmentadas, corporativistas, sexistas e racistas ainda existentes (GOMES e SILVA, 2006, p.25).

Na formação inicial, é o momento em que o futuro professor se prepara do ponto de vista teórico e pedagógico para o ingresso no mundo educacional. A formação continuada vai empreender toda a sua vivência e experiências, que serão somadas aos acontecimentos que perpassam o cotidiano escolar, nos quais o futuro profissional encontra desafios no desenvolvimento de sua prática.

Pensar a formação continuada é acreditar que o trabalho docente é construído a cada dia e que o conhecimento acerca da escola, da comunidade aprendente e de suas nuances pode ser verificado e ampliado no cotidiano. Por essa razão, o docente deve empreender ações que venham a contribuir tanto no aprendizado escolar de seus alunos e alunas, quanto no aprendizado da convivência destes no contexto da escola, na convivência com as diversidades que por si mesmas já fazem parte do espaço vivido.

Observando este aspecto, enfatizamos que o/a professor/a tem um significativo papel social e para exercê-lo deve procurar se inteirar com a comunidade escolar onde atua e com as famílias, para que possa compreender a realidade na qual está inserido.

Neste sentido, sua prática educativa será direcionada para uma postura crítica, conscientizadora, democrática, menos excludente, que privilegie o acolhimento/inclusão dos sujeitos aprendentes, instigando táticas de superação (CERTEAU, 1994). Sobretudo, desenvolverá meios que minimizam a discriminação racial, através de raciocínios que gerem o diálogo e a tolerância com as diferenças (SILVA JÚNIOR, 2002).

Perceber a diversidade etnicorracial como algo positivo na escola implica reconhecer a sociedade brasileira como pluriétnica e pluricultural, conscientizando sobre a importância de conviver com esta realidade, especialmente no que concerne ao respeito do jeito de ser e a identidade de cada um e cada uma no processo educativo.

Se a escola deve empreender atitudes positivas no que se relaciona a diversidade dos sujeitos da aprendizagem, o docente precisa optar por um leque de possibilidades que privilegiem uma educação que parta da diversidade etnicorracial e respeite os direitos humanos. Dessa forma,

empreender uma educação democrática, significa educar para além da aprendizagem dos saberes escolares, construindo um ato dialógico-comunicativo no respeito ao outro e no reconhecimento do direito à sua diferença.

No âmbito do ensino de História, discutir a questão da diversidade é sumariamente importante, tanto pela dimensão histórica e social, como educacional que este tipo de abordagem suscita (CAVALLERO, 2001). Na formação continuada, o/a professor/a de História, no seu trabalho cotidiano, ao se deparar com situações de racismo e preconceito, pode contribuir ou não para perpetuar tal visão.

Se a sua prática for pautada pelo respeito à diversidade etnicorracial e cultural, também irá despertar o respeito pela alteridade do outro. Agindo assim, poderá colaborar para a visibilidade de um fazer histórico inclusivo, lutando pela universalidade dos direitos e o reconhecimento da igualdade na diferença (SILVA JÚNIOR, 2002).

A partir da lei 10.639, de janeiro de 2003, hoje 11.645/2008³, que empreendeu o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira como uma realidade na educação básica, nas áreas destinadas à História, Literatura e Artes, foi permitido que se pudesse rever uma situação, que inserida na História brasileira, não era considerada no contexto da história da Educação.

O campo educacional precisava corrigir esse tipo de postura, trazendo para o currículo escolar a história de negros/as que durante tanto tempo foi imensamente negligenciada.

Dentro de uma perspectiva de políticas públicas inclusivas, o Estado brasileiro, pela primeira vez na sua história, trata das desigualdades raciais como uma questão nacional específica, ao promulgar a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), ao incluir, no âmbito de todo o currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira (FORDE et al, s/a, p.2).

Se a cultura negra aliada a seus saberes e sua história, tanto na matriz africana como na afro-brasileira, foi durante tanto tempo postergada, ao tornar-se obrigatório o ensino da África nas escolas, possibilitou-se o reconhecimento do papel do negro na sociedade, a partir do viés educacional, como uma estratégia de superação dessa injustiça de caráter igualmente histórico.

³ A lei 11.645 de 10 de março de 2008 veio alterar a lei 10.639, pois além de empreender o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira, trouxe a inclusão da educação indígena como obrigatória.

A história da Educação brasileira tem negado sistematicamente a influência da cultura matriz africana na prática e no discurso sobre ensino-aprendizagem nas instituições de ensino e negligenciado a cosmovisão africana nas relações de educação que ultrapassam as fronteiras da Escola (OLIVEIRA, 2003, p.12).

Deste modo, cabe ao professor, em sua formação continuada, inteirar-se destas questões, repensando a sua agenda docente, pois discutir, à luz da História, a questão da diversidade etnicorracial torna-se um ponto de partida para o entendimento das relações raciais tecidas no decurso da história brasileira. Esse fato ajuda a compreender porque negros e negras foram muitas vezes “invisibilizados”, tanto em sua cultura quanto no seu credo religioso, valorizados como sujeitos históricos e sociais (MONTERO, 1996).

Se na narrativa historiográfica a cor da pele consistiu num parâmetro de sujeição do ser humano às formas exploratórias e espoliadoras da sua liberdade e de seus direitos, transcorrido o período escravista, a sociedade brasileira ainda maquia uma postura, através da qual a colonização de idéias preconceituosas e discriminatórias no corpo social ganha contornos e visibilidade. Verificamos que na escola ainda se convive com atitudes discriminatórias e preconceituosas, e que devido a postura de muitos professores e professoras, tais posicionamentos encontram neste espaço um *locus* para se disseminar, ao contrário de se criar um espaço de esclarecimento identitário.

O docente de história, em seu cotidiano de sala de aula, ao aceitar a diversidade como um meio de enriquecer as relações no contexto da sala de aula, adquire experiências étnicas e culturais importantes para o seu fazer educativo e sua visão de mundo.

Quebrando estes estigmas, histórico-culturalmente construídos, em relação à etnia negra, professores e professoras oxigenam o processo de ensino-aprendizagem, tornando a escola um lugar de aprender a viver juntos a partir das diferenças, buscando nesta diferença a igualdade dos sujeitos aprendentes que fazem parte do contexto escolar.

Ao sensibilizar alunos e alunas, reconhecendo e valorizando a história de africanos que, através de seu trabalho, cultura e religião escreveram a história de nosso povo, bem como dos afrodescendentes, os professores e professoras difundem a superação de paradigmas

discriminatórios sobre um grupo social étnico, cuja história representa uma verdadeira “lição de vida” para esta geração de aprendentes e as futuras gerações.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

No espaço escolar são múltiplas as relações que se tecem, pois os olhares que se voltam para a educação são diferenciados, ora tendem a entender a educação e, sobretudo a prática docente no sentido homogeneizador e reprodutivista de modos de ver e fazer educativos que não coadunam com a realidade do mundo de educar, ora criam-se redes de articulação de saberes e práticas que a partir do diálogo permitem que no cotidiano da escola seja possível vislumbrar a diversidade que esta apresenta de modo inclusivo dos sujeitos aprendentes.

Vendo a formação continuada por esta segunda perspectiva, podemos afirmar que é na formação que se abre leques de possibilidades de ver e perceber os sujeitos participantes da comunidade escolar, não de maneira unívoca, mas enquanto plurais cujos olhares que são elaborados para eles e elas são orientadores e efetivadores desta pluralidade, pois se a educação escolar apresenta um jeito de se estabelecer polissêmico, entender o sentido e significados desta polissemia se torna fundamental para professores e professoras, sobretudo no campo do ensino de História.

Ao trabalharmos fazendo relação entre a formação continuada e o ensino de História, a partir de um prisma que compartilha com ações educativas que enfatizem as questões relativas à inclusão e diversidade étnico-cultural na escola, articulamos com propostas que reconheçam na diversidade do espaço escolar multiformas de aprendizado.

Assim, percebemos que educar no campo do ensino de História tendo em vista a inclusão, além de ser pertinente dada a significativa importância de ressaltar a cultura afro-brasileira e estudos relativos ao negro/a e seu fazer histórico na sociedade brasileira, na sala de aula é fundamentalmente importante para se tecer novos olhares sobre a escola e os sujeitos que dela fazem parte, tendo em vista que se torna necessário ações pedagógicas inclusivas e que ressaltem um ensino que vise uma postura anti-racista alçado nos preceitos do respeito às diferenças que são cotidianamente vivenciadas pelos sujeitos educativos, o que amplia as

possibilidades do aprender a viver juntos de forma a estabelecer entrelaços de saberes e experiências em comum.

**TEACHING HISTORY THROUGH THE EYES OF ETHNIC-RACIAL DIVERSITY:
READINGS OF THE CONTINUOUS TRAINING OF TEACHERS**

Abstract

This text examines the theme african-Brazilian school from reflections on the continuing education and the teaching of history. Our goal is therefore to investigate the importance of including the teaching of this subject in the discussions around the african-Brazilian culture from the ethnic-cultural diversity that exists in school. This is a research and development here present the first impressions of study, support us in the theoretical framework of the work of Certeau, Cavallero, Lino Gomes, and Freire Cunha Júnior. As a methodological approach, we seek in ethnomethodology from the sign paradigm in the light of Coulon and Guinzburg, people and traces the evidence that the texts in the present. Preliminary results indicate that the discussion of diversity and dimensionality in the context of school, especially in the field of teaching of history, can be extended from the participation of educational and action / the teacher and thus contributing to the dialogue among differences and minimization of exclusion and greater articulation of knowledge of black culture.

Keywords: Continuing Education; Ethnic-Cultural Diversity; Inclusion; Teaching of History

**ENSEÑANZA DE LA HISTORIA A TRAVÉS DE LOS OJOS DE LA DIVERSIDAD
ETNICORRACIAL: LAS LECTURAS DE LA FORMACIÓN CONTINUA DE LOS
MAESTROS**

Resumen

Este trabalho analisa el tema afro-brasileño de la escuela a partir de reflexiones sobre la educación permanente y la enseñanza de la historia. Nuestro objetivo es por lo tanto, para investigar la importancia de incluir la enseñanza de este tema en las discusiones sobre la cultura Afro-Brasileña de la diversidad étnico-cultural que existe en la escuela. Se trata de una investigación y el desarrollo que presentamos aquí las primeras impresiones del estudio, nos basamos en el trabajo teórico de Certeau, Cavallero, Lino Gomes Freire & Junior Cunha. Como enfoque metodológico, que buscamos en la etnometodología, desde el paradigma de la evidencia a la luz de Coulon y Ginzburg, examinar las pruebas y rastros que los textos nos presentan. Los resultados preliminares muestran que la discusión de la diversidad y su dimensión en el contexto de la escuela, especialmente en el campo de la enseñanza de la historia, se puede extender desde la acción de la participación y pedagógica del / a profesor / a, contribuyendo así al diálogo entre las diferencias y minimizar la exclusión y una mayor articulación de los conocimientos de la cultura negro.

Palabras clave: Formación Continua; Inclusión; Diversidad étnico-cultural; Enseñanza de la Historia

REFERÊNCIAS

CAPELO, Maria Regina M. **diversidade sociocultural na escola e dialética da exclusão/inclusão.** In: GUSMÃO, Neusa M.M. (org.) Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003.

CAVALERRO, Eliane. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor.** In: CAVALERRO, E. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Movimento e consciência negra na década de 1970.** In: Revista Educação em debate, ano 25, v.2, n.46, 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FORDE, Gustavo et al. **Educação anti-racista.** Ceafro/Seme.

GOMES, Nilma L.; SILVA, Petronilha B.G (orgs). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MONTERO, Paula. **Diversidade cultural: inclusão, exclusão e sincretismo**. In: DAYRELL, Juarez (org.) Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Africanidades na educação**. In: Revista Educação em debate, ano 25, v.2, n.46, 2003.

SILVA JÚNIOR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre as leis e as práticas sociais**. Brasília: Unesco, 2002.

Data de recebimento. 09/08/2012

Data de aceite. 05/03/2013